

## Artigos originais

### O PRECONCEITO DE GÊNERO E A HUMANIDADE: UMA ANÁLISE DO DISCURSO NO LIVRO DIDÁTICO

#### Original Articles

### GENDER PREJUDICE AND HUMANITY: AN ANALYSIS OF THE DISCOURSE IN THE TEXTBOOK

Ana Laura Gonçalves Garcia\*  
[anaggarcia@yahoo.com.br](mailto:anaggarcia@yahoo.com.br)  
<http://lattes.cnpq.br/3601050257852284>

Almir Mantovani\*\*  
[Almir.mantovani@unesp.br](mailto:Almir.mantovani@unesp.br)  
<http://lattes.cnpq.br/6987179879125144>



CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ., Franca, SP, Brasil - eISSN 2175-4217 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

**RESUMO:** Vivemos em uma sociedade marcada pelo preconceito de gênero, na qual o discurso evidencia a persistência dessa característica, inclusive na formação das próximas gerações de adultos. O objetivo desta pesquisa foi analisar o uso da palavra homem, para designar a humanidade no livro didático. O trabalho foi orientado pela análise do discurso – AD francesa, mais especificamente, pelos estudos de Michel Pchêux (1984) e Michel Foucault (1996). O objeto de análise foi o manual do professor do livro didático “Ápis Mais” de geografia, para o 4º ano do ensino fundamental, escrito por Maria Helena Simielli. Analisou-se mais especificamente, três textos complementares, nos quais a palavra homem aparece designando a humanidade. Depreende-se da análise que, apesar dos esforços observados na redação de livros didáticos, esforços verificados principalmente nos livros das áreas de humanidades e linguagens e códigos, ainda é muito forte no discurso a explicitação do preconceito de gênero.

**Palavras-chave:** livro didático; análise do discurso; preconceito de gênero

**ABSTRACT:** We live in a society marked by gender prejudice, in which the discourse shows the persistence of this characteristic, including in the formation

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos

\*\* Docente do Departamento de Educação, Ciências Sociais e Políticas Públicas da Universidade Estadual Paulista Câmpus de Franca

of the next generations of adults. The objective of this research was to analyze the use of the word man, to designate humanity in the textbook. The work was guided by discourse analysis – French DA, more specifically, by the studies of Michel Pêcheux (1984) and Michel Foucault (1996). The object of analysis was the teacher's manual of the geography textbook "Ápis Mais", for the 4th year of elementary school, written by Maria Helena Simielli. More specifically, three complementary texts were analyzed, in which the word man appears designating humanity. It appears from the analysis that, despite the efforts observed in the writing of textbooks, efforts verified mainly in books in the areas of humanities and languages and codes, the explicitness of gender prejudice is still very strong in the discourse.

**Keywords:** textbook; speech analysis; gender bias

## **INTRODUÇÃO E CÓRPUS TEÓRICO**

O livro didático tem sido o principal recurso utilizado na formação dos estudantes da educação básica no Brasil, em especial nas escolas públicas. O Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, instituído desde 1996, garante a distribuição deste recurso pedagógico em todas as escolas públicas brasileiras. Desse modo, parte significativa da formação dos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, âmbito do nosso recorte de pesquisa, tem como base material o livro didático.

Assim, abordar o preconceito de gênero tendo como objeto o livro didático significa verificar as persistências desse problema na nossa sociedade, na perspectiva da formação das novas gerações. Esta pesquisa abordou o preconceito de gênero no âmbito da oposição homem e mulher, do ponto de vista essencialmente biológico, sem adentrar outros aspectos que a temática pode e deve suscitar.

A metodologia utilizada foi a análise do discurso de vertente francesa, em especial os estudos de Michel Pêcheux e Michel Foucault. Analisou-se três textos utilizados como leitura complementar no livro didático de geografia, destinado ao 4º ano do ensino fundamental, intitulado "Ápis Mais".

Para a análise do discurso – AD, de vertente francesa, os discursos são constituídos, principalmente, por memórias discursivas e desse modo estão ligados à história e a sociologia. Essa interface tem sido uma constante nos estudos que tratam da AD francesa. Prevalece aqui o entendimento de que os

segmentos dominantes da sociedade também buscam dominar o discurso com certa hegemonia.

O discurso nesta perspectiva, se configura como um esforço de compreender e se fazer compreender em um processo de interlocução. A capacidade de comunicação esta na base da construção discursiva. A compreensão dos aspectos formais das classes gramaticais do texto não é suficiente para a compreensão do discurso, uma vez que este inclui a visão de mundo, os princípios e a intenção, ou os interesses que levaram à sua constituição.

Conforme, Michel Pêcheux (1984) a linguagem como instrumento da comunicação precisa ser compreendida levando-se em conta as questões históricas, sociais e políticas ali presentes. Do desvelamento dessas questões depende a compreensão do texto. A materialização da comunicação em texto passa por essas características que a compõem. É daí que se pode fazer transparecer o discurso.

Assim, apreender o discurso presente em um texto ultrapassa em muito a ideia de compreender a transmissão de informações. Trata-se antes dos usos que se faz da língua para conferir sentido, ou fazer significar e afetar sujeitos num processo de interlocução.

Partimos nesta pesquisa da definição de linguagem como instrumento de comunicação, que inclui as relações dos sujeitos e seus múltiplos sentidos, intenções e efeitos. Desse modo os ditos, mas também os não ditos dizem muito sobre essa comunicação. O discurso se caracteriza então como a materialização dos efeitos promovidos pela língua na história. Insere-se aqui a análise do imaginário presente nas relações que os sujeitos estabelecem com a linguagem (PÊCHEUX, 1984).

A AD aqui proposta foi levada a termo, conforme defende Orlandi, por meio da associação entre língua e discurso, uma vez que “nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos” (ORLANDI, 2000, p. 22). Assim, a AD busca observar os sentidos promovidos nas relações entre o texto e o seu tempo/espaço, por meio da associação sujeito, linguagem e história. Isso é, busca-se verificar como

os signos produzem sentido para determinados sujeitos em determinados contextos.

Não se trata aqui da interpretação pura e simples de um texto, ou enunciado. A AD pretende compreender, para além da definição das categorias gramaticais, o significado do texto, ou enunciado no contexto social, histórico e cultural no qual é veiculado. Desse modo, é possível identificar posicionamentos políticos, permanências culturais e dominação simbólica de classes. Consideramos que o falante se comunica a partir de alguns condicionantes linguísticos, mas também e principalmente, a partir de sua relação com o mundo. Portanto o analista do discurso precisa entender essa relação, e as condicionantes que ela também impõe na produção dos sentidos. (PÊCHEUX, 1984)

Assim, a apreensão das condições de tempo e espaço nos quais os dizeres são produzidos são à chave da AD. Essas condições conferem o sentido restrito da comunicação, ou seja, dizem de um determinado discurso, vinculado a um dado momento, num dado lugar.

Nessa formação discursiva cumpre analisar os ditos, mas também e fundamentalmente os não ditos. Estes últimos, assumem papel importante para a AD, pois reportam ao silenciamento, que dissimulado em esquecimento revela para o analista uma memória seletiva, que naturaliza o silenciamento (PÊCHEUX, 1984). O discurso enquanto ato social envolve avanços, permanências e retrocessos por meio das infinitas possibilidades de promoção de condicionamentos linguísticos e determinações históricas. Sobre esses elementos – história, memória e esquecimento – na AD, as colocações de Payer (2005) são esclarecedoras:

Ao invés de pensar (ilusoriamente) em uma memória com um conteúdo que “já está lá”, pronto para ser resgatado, há que se considerar as condições de produção do retorno atual dos conteúdos dessa memória histórica na dinâmica social. Há certas condições em que o retorno da memória é possível, mas há também condições em que o esquecimento, necessário ou imposto, atinge o conteúdo da memória, obscurecendo-o ou transformando-o de um modo incontornável, e o que se poderá dizer dessa memória não coincidirá com um conteúdo que “já está lá” (PAYER, 2005, p. 47).

Nessa perspectiva, a interface com a história que permite entre outros aspectos, apreender a memória presente implicitamente no discurso. Em

linguística denominamos esse aspecto de interdiscurso, porque mobiliza sentidos identificados com outros dizeres, de outros momentos e influenciam a produção dos significados; trata-se de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos (ORLANDI, 2000, p. 34).

A AD que levamos a termo nesta pesquisa coaduna com a definição foucaultiana sobre a produção do discurso:

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p.9).

Desse modo, nossa análise procurou identificar os dizeres evidenciados e os esquecidos, na configuração ideológica do nosso contexto histórico-social, por meio da formação discursiva.

## **A PERSISTÊNCIA DO PRECONCEITO DE GÊNERO**

O debate sobre o preconceito de gênero ocupa os mais diversos campos de pesquisa, passando pela, sociologia, história, psicologia, educação e como não poderia deixar de ser pelo nosso campo de conhecimento, a linguística. A temática permanece atual, uma vez que são inúmeras as permanências acerca desse problema em nossa sociedade.

A palavra gênero tem designação bastante complexa, incluindo além dos aspectos biológicos, aqueles de caráter social, psicológico e cultura. Neste trabalho abordamos o gênero, no sentido restrito da oposição entre masculino e feminino, pois trata-se de identificar o lugar ocupado por homens e mulheres na sociedade.

Na sociedade brasileira muitas mudanças ocorreram durante o século XX e o início deste século em relação à assimetria de papéis entre homens e mulheres, contudo o machismo ainda é característica marcante em nossa sociedade. Machismo entendido aqui como os aspectos da composição social que mantêm viva a predominância dos valores e características masculinas sobre as femininas, sem que as pessoas se deem conta disso no cotidiano. Ou seja, o machismo estrutural, que está no campo do inconsciente, como atributo naturalizado na sociedade.

No curso da história a causa feminina foi reiteradas vezes colocada de lado, em momentos de confrontos relacionados à desigualdade capitalista e à luta de classes. O argumento, hora estava ligado a ideia de que era o modelo capitalista e classista que provocava essas assimetrias entre homens e mulheres, hora defendia a urgência das causas mais “amplas”. Nesse sentido, Blay e Avelar (2017) ao abordar a questão feminista no marxismo na primeira metade do século XX destacam a separação entre essas duas teorias:

O divórcio entre as duas teorias decorria da ênfase marxista nas relações para a produção, a mercadoria, a troca, o valor, deixando de lado o papel das mulheres nesses campos. Onde ficava o fundamental valor do trabalho da mulher na produção do próprio trabalhador, o valor da produção da vida doméstica, o trabalho aplicado na reprodução humana? (BLAY e AVELAR, 2017, p. 73).

No campo político ainda hoje o espaço da mulher é evidentemente restrito, aja vista a tentativa de criação de cotas para candidatas à eleição nos partidos. E, ainda assim a implementação das cotas femininas tem fracassado de modo escandaloso e a presença de mulheres no poder político – legislativo e executivo – não chega a 20%.

Um exemplo atual de preconceito de gênero na política são as ofensas proferidas à Presidenta Dilma Rousseff no Facebook do Jornal Folha de São Paulo, as quais foram objeto de pesquisa de Stocker e Dalmaso (2016, p. 681; 688). A partir da análise, de uma amostra de 645 comentários ofensivos, as pesquisadoras concluíram que “56% do material analisado remete ao preconceito de gênero” e mais:

[...] a grande recorrência de comentários que expressaram preconceito de gênero de forma violenta e desrespeitosa não apenas à presidenta, mas a todas as mulheres, denotam a urgência de se discutir e problematizar a desigualdade de gênero em nossa sociedade, principalmente no campo da comunicação (STOCKER e DALMASO, 2016, p. 688).

O preconceito de gênero está presente ainda no desnível entre os salários de homens e mulheres exercendo as mesmas funções. A disparidade entre os rendimentos chega a aproximadamente 23%, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD de 2019.

Sobre a questão de gênero na educação, vários são os estudos que apontam para as dificuldades da escola em superar algumas assimetrias de gênero reproduzidas no ambiente escolar e algumas vezes até estimuladas por

este ambiente. Destaca-se aqui a pesquisa de Pinto, Carvalho e Rabay (2017) que aponta para a associação do gênero nas escolhas de cursos superiores por estudantes do ensino médio. Os pesquisadores observaram a tendência das mulheres em optarem por cursos das áreas de humanas, ciências sociais aplicadas e saúde e dos homens em escolherem cursos das áreas de ciências duras. Os autores concluem que:

a naturalização das relações de sexo e gênero confere às mulheres qualidades 'feminilizadas' que as desviam da escolha de cursos e carreiras tecnológicos e científicos. Do mesmo modo, as qualidades 'masculinizadas' encaminham os homens a seguirem estes cursos e carreiras. As relações de gênero no âmbito da escola naturalizam, sexualizam e generificam os campos de conhecimento, por isso, os interesses, as escolhas, os saberes e as práticas vão sendo generificados (PINTO, CARVALHO e RABAY, 2017, p. 56).

Os resultados de pesquisas destacados aqui reforçam nossa convicção sobre a manutenção do preconceito de gênero em nossa sociedade, bem como sobre a atualidade de se pesquisar a temática no âmbito da educação, no campo da análise do discurso.

## **O LIVRO DIDÁTICO E A REPRESENTAÇÃO DO PRECONCEITO DE GÊNERO**

Conforme apresentado anteriormente esta pesquisa analisou o livro didático de geografia, com autoria de Maria Helena Simielli, intitulado "Apis Mais", destinado ao 4º ano do ensino fundamental, com recorte em três textos complementares. A palavra "homem" nos documentos será o objeto mais específico da nossa análise.

O primeiro texto complementar é um excerto da obra "Geografia indígena", de 1992, organizada por Márcia Spyer e Renato Gavazzi da Comissão Pró-Índio:

**Geografia é o homem** que transforma muitas coisas: a mata numa cidade, a terra num roçado, a folha em remédio, a madeira em barco, a macaxeira em farinha. É o seringal, a colocação, a estrada de seringa. É a economia da borracha, o dinheiro da floresta. É o índio seringueiro, caçador, pescador, professor. Geografia é o entendimento da aldeia e do mundo. Do nosso mundo e do mundo do branco. É a cidade, o Brasil e os outros países. Geografia é a história do mundo [...]. (SIMIELLI, 2021, p. 47) (grifo nosso).

Como é possível observar, trata-se de um texto que objetiva definir a

geografia enquanto campo de estudo, para as crianças do 4º ano, que possuem em torno de 10 anos de idade. Destaque-se o enunciado que trata da palavra objeto da nossa análise “Geografia é o homem que transforma muitas coisas”; primeira questão que se coloca é porque este enunciado e não outro. A opção pelo termo homem, faz crer que os homens e não as mulheres modificam o mundo.

Ainda que utilizemos o argumento de que um dos significados de “homem”, no dicionário, é a humanidade, o ser humano, ou seja, trata-se de um termo representativo daquilo que se pretende expressar. Nesse caso a pergunta que se coloca é, de fato, o que se pretende expressar? Uma vez que se trata de um texto para crianças recém alfabetizadas, não é razoável deduzir que principalmente essas crianças, mas também suas professoras e seus professores terão no imaginário ao ler esse texto uma imagem feminina promovendo qualquer uma dessas transformações elencadas.

Seria mais admissível acreditar que a primeira imagem a vir a mente de estudantes e suas professoras e seus professores seria de um homem (sujeito do sexo masculino) engendrando essas mudanças no mundo. Retoma-se aqui o conceito de memória e silenciamento, manter a memória da palavra homem como termo passível de significar a humanidade toda, é desconsiderar toda a luta das mulheres, já observada nas linhas anteriores deste estudo, pelo reconhecimento da assimetria de gênero no interior da sociedade.

Por fim, vale destacar que Spyer e Gavazzi, autores deste excerto, são dedicados à causa indígena, o que levaria a crer que optaram por utilizar uma linguagem característica deste povo. Essa primeira impressão se invalida na medida em que não há nenhuma observação posterior ao texto, bem como nenhuma orientação ao professor e professora de como utilizar o discurso ali apresentado. Por se tratar de um “manual do professor” se consideraria por óbvio a presença de alguma orientação diante do texto escolhido.

No segundo texto complementar analisado, nosso destaque está no título utilizado para anunciar o documento, que é uma citação retirada do Almanaque Socioambiental do Brasil, elaborado pelo Instituto Socioambiental e aborda o manejo sustentável do solo.



### O papel do homem

Cada vez mais se reconhece que a diversidade genética resulta não apenas da própria natureza, mas de intervenções humanas. O papel de comunidades locais e populações tradicionais – povos indígenas, quilombolas, seringueiros, castanheiros, pescadores e agricultores cultores tradicionais – para a conservação da diversidade biológica tem sido reconhecido e valorizado. Tais populações desenvolveram, ao longo de gerações, técnicas de manejo de recursos naturais, conhecimentos sobre ecossistemas e sobre propriedades farmacêuticas e alimentícias de espécies. As técnicas de seleção, domesticação e intercâmbio de sementes desenvolvidas pelos agricultores tradicionais asseguram a variabilidade genética das plantas cultivadas (SIMIELLI, 2021, p. 120) (grifo nosso).

Já no primeiro enunciado fica evidente que a palavra homem no título do texto não se refere ao significado 2. “indivíduo do sexo masculino, ou gênero masculino”, apresentado no dicionário online. Novamente o tema é a humanidade, mas a opção foi por utilizar o substantivo masculino que, não coincidentemente, também significa, “indivíduo do gênero masculino”.

É possível pensar em um sem-número de outras escolhas de textos que abordam a mesma temática, mas a autora, mais uma vez, escolheu um texto que anuncia o homem, como o humano, a espécie humana. O texto fala sobre o papel de homens e mulheres das populações tradicionais, mas do mesmo modo que no texto anterior, a palavra mulher não é mencionada.

Finalmente o terceiro texto analisado tem como assunto a relação da humanidade com o meio ambiente. De modo reiterado, observa-se a escolha da palavra homem para designar o ser humano, a humanidade.

Recursos naturais e questões ambientais A crescente preocupação com as questões ambientais no Brasil e no mundo, não só por parte dos pesquisadores e especialistas no assunto, mas também dos governantes e da população em geral, tem levado a uma reavaliação constante das formas de análise e, principalmente, de intervenção do homem no ambiente. A constatação cada vez maior da ocorrência de danos ambientais e do comprometimento da quantidade e qualidade dos recursos naturais [...] tem propiciado maior conscientização dos efeitos da ação humana sobre o meio [...]. Medidas protetoras e preventivas têm ganhado maior importância [...]. Contudo, há ainda muito a ser feito. [...] (SIMIELLI, 2021, p. 187) (grifo nosso).

Após observar os três textos complementares do livro analisado é possível dizer que a ação humana na natureza tem a cara do homem, enquanto sujeito do sexo masculino, em detrimento da mulher. A humanidade é masculina e viril, não é feminina e nem frágil. Ou ao menos parece ser essa a ideologia por

traz das persistentes escolhas da palavra homem aqui verificadas.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa buscou identificar, por meio da análise do discurso, o processo de interlocução presente nos textos analisados, em relação ao uso da palavra homem. Essa escolha colocou em evidência o silenciamento em relação ao caráter masculinizado de se identificar a humanidade num livro didático, no contexto atual, uma vez que se trata de um livro de 2021.

A significação da palavra homem nos textos faz transparecer o machismo estrutural da nossa sociedade, representando a humanidade por uma face masculina. O esquecimento por traz do termo homem, sobre a história de luta feminina contra a recorrente dominação masculina e sua ocupação dos diferentes espaços, no trabalho, no esporte, na política é patente.

O resultado da pesquisa reforça nossa convicção de que o preconceito de gênero e o machismo estrutural são temas extremamente atuais e precisam continuar sendo objetadas pesquisas desenvolvidas pela AD.

## REFERÊNCIAS

- BLAY, Eva; AVELAR, Lúcia (org.). **50 Anos de Feminismo**: Argentina, Brasil e Chile. Edusp. 2017.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**, Edições Loyola, 3ª edição, 1996.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos, editora Pontes, 2000.
- PAYER, Maria Onice. Discurso, memória e oralidade. **Horizontes**, v. 23, n. 1, p. 47-56, jan./jun. 2005.
- PÊCHEUX, Michel. **Sur les Contextes épistemologiques de l'analyse de discours**, Mots, 9, St, Cloud.
- PINTO, Érica; CARVALHO, Maria Eulina; RABAY, Glória. As relações de gênero nas escolhas de cursos superiores. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 10, n. 22, p. 47-58, mai./ago. 2017.
- STOCKER, Pâmela; DALMASO, Silvana. Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. **Estudos Feministas**,

Florianópolis, 24(3): 398, setembro-dezembro/2016.